



## Do adolescente às Culturas Juvenis: caminhos conceituais para pensar ações e ativismos juvenis<sup>1</sup>

1

**Renata Valeria Calixto de Toledo<sup>2</sup>**

**UNIP – Universidade Paulista**

### Resumo

O artigo propõe reflexão sobre culturas juvenis em seus cruzamentos com o tema do ativismo, e das culturas do consumo. A pesquisa empírica que embasa esta reflexão analisará práticas juvenis na cidade de São José do Rio Preto, suas realidades socioculturais e suas formas de comunicabilidade. Será dado um enfoque às narrativas destes jovens, consumo, visões de mundo e ações sobre política, entendida aqui num amplo sentido para além do institucional, nas práticas de politização do cotidiano, onde consumo, corporalidades, identidades se imbricam. Abordaremos debate sobre juventude, desde a perspectiva mais funcionalista que vê adolescência como problema, até pensar culturas juvenis como grupos urbanos ligados pelo uso do tempo livre, construção de socialidades, práticas de consumo e estilo de vida. Como desdobramento, questões ligadas à identidade e cultura do consumo, desvinculando de abordagens que vêm na vida juvenil mero espaço de reprodução social, alienação e distúrbio.

**Palavras-chave:** culturas juvenis; política; consumo; identidades

Pensar adolescência nas práticas de politização do cotidiano para compreender o papel fundante onde consumo, corporalidades e identidades se imbricam, na configuração de um cenário interiorano no estado de São Paulo. Nesta, os grupos carregam em seus discursos, sentidos de suas práticas de consumo e visão do mundo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Consumo e Novos Fluxos Políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Paulista Unip. Mestre em Comunicação e Especialista em Marketing e Recursos Humanos. Coordenadora Geral e Professora Universitária. [renatacalixtodetoledo88@gmail.com](mailto:renatacalixtodetoledo88@gmail.com)



sensibilidades, discordâncias, entretenimento, afetos e ações políticas. Assim, nos parece útil para a compreensão de grupos juvenis, captar a cultura no espaço e na cidade analisada, levando em consideração que, o que ocorre num local está intimamente relacionado numa gama de redes e no intercruzamento de processos e práticas, mediações, conexões e circuitos.

Na perspectiva de que em suas múltiplas formas de articulação, arranjos identitários e sentido de pertencimento em um município com aproximadamente meio milhão de habitantes e distante quinhentos quilômetros da capital paulista, poderão ser reconhecidas suas formas de estarem juntos, em suas casas, espaços delimitados ou em suas redes sociais.

A investigação caminha por três principais eixos que ajudam a compreender os caminhos conceituais para pensar esses jovens. Num primeiro momento pensar a juventude desde uma perspectiva mais funcionalista, que vê a adolescência como rebelde, problemática, perturbada e em crise interminável. Após, passar para uma abordagem que pensa as culturas juvenis como grupos ligados pelo tempo livre, pelas ações em conjunto, pelas escolhas musicais e corporais, assim como construção de socialidades, suas práticas de consumo e estilo de vida. Também tratar das questões ligadas à identidade, tentando desvincular a vida juvenil da alienação e distúrbio, pensar a juventude sobre seu caráter político e não como um distúrbio ou fase difícil da vida do ser humano.

Feixa (1996) tem conceituado como culturas juvenis, a maneira com que experiências sociais de jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintivos, localizados no tempo livre, colocando em debate questões de identidade e vida cotidiana.



Partindo de metodologia de pesquisa empírica na análise de adolescentes de São José do Rio Preto para designar sua realidade social nesses chamados âmbitos que constroem sua cultura popular<sup>3</sup>, a variante social do poder econômico diferencia, no caso da mídia regional, pelo menos em dois grupos que, segundo Emille Benveniste (1981), apontam para a linguagem formal daqueles que tem acesso aos meios de comunicação, como internet, cinema, música, televisão e jornal e ou, daqueles que usam a linguagem informal como auto-referência de um grupo que não se interessa por estas manifestações e que impossibilita o acesso por meio de transgressão e delinquência. Assim, o recorte será operado em torno daqueles adolescentes que estão em contato com a mídia.

Para falar da imagem do adolescente é preciso fazer uma distinção entre dois termos que possuem um significado e um alcance muito diferentes: puberdade e adolescência. Chama-se puberdade ao conjunto de modificações físicas que transformam o corpo infantil, durante a segunda década da vida, em corpo adulto, capacitado para a reprodução. Chama-se adolescência um período psicossociológico que se prolonga por vários anos, caracterizado pela transição entre a infância e a adultez. Evidentemente, a puberdade é um fenômeno universal para todos os membros da espécie humana, como fator biológico que é, e como momento da maior importância no calendário maturativo comum. A adolescência é um fato psicossocial não necessariamente universal e que não adota em todas as culturas o mesmo padrão de características adotado na cultura ocidental, além disso, da origem a uma

---

<sup>3</sup> A cultura popular é algo totalmente diverso da chamada cultura de elite, porém, ocorre em relação ao povo. Este último tem movimento próprio, guardando seus princípios e movendo-se de acordo com eles. Ao povo é dado, portanto, formar sua própria cultura, reflexo evidente das idéias fundamentais que o movem. Ao contrário da chamada "cultura" de massa, a cultura popular tem suas raízes nas tradições, nos princípios, nos costumes, no modo de ser daquele povo. Desta forma, cada povo produz, por exemplo, uma arte peculiar, reflexo de suas específicas qualidades, necessariamente diversa das artes de outros povos. (Fendeli, Orlando – Cultura popular, cultura de elite e cultura das massas) <http://montfort.org.br>.



importante variação histórica que ao longo do tempo foi configurando a adolescência como se conhece hoje. Stanley Hall no seu livro *Adolescência, psicologia, antropologia, sexologia: sexo, crime, religião e educação* (1904), publicou grossos volumes sobre a adolescência onde fala de uma tendência a considerar esta época da vida como um período de “tormenta e drama”, de acordo com a chave do movimento romântico da literatura alemã do século XVIII. Supõe-se, de acordo com o ponto de vista desse autor, que a adolescência seja uma época de turbulências, de mudanças dramáticas, de abundantes tensões e sofrimentos psicológicos. Até certo ponto, essa visão da adolescência como época tormentosa, encontra várias teorias psicanalíticas que descreveram esta, depois da fase de latência, um período de tensão especial, com a reativação de conflitos que tinham ficado adormecidos, e seu despertar em um contexto mais complexo e problemático que a infância (HALL, 1904 *apud* COLL 1995: 268)

No esteio das contribuições da antropologia cultural tem havido, nos últimos anos, certa tendência a adotar posições opostas à convivência que consista em ver a adolescência como época agitada. Assim, chega-se a afirmar que a adolescência é apenas um produto cultural, e que seu caráter mais ou menos suave ou agitado é apenas uma das conseqüências que cada cultura oferece a seus membros, mas junto com essa visão otimista existem alguns dados hoje em dia na nossa cultura brasileira que são inquestionáveis, relacionados com o abandono escolar, com o suicídio ou tentativa de suicídio, gestações precocemente indesejadas e grande dificuldade de ajuste familiar.

O desenvolvimento do ser humano, na infância e na adolescência é sempre unitário, é um desenvolvimento pelo menos até certo ponto integrado. No entanto, devemos distinguir diversos âmbitos e eixos evolutivos diferentes para poder pensar na imagem do adolescente no contexto da comunicação: o desenvolvimento cognitivo, a personalidade e as relações sociais. A diferença dos âmbitos é de



interesse analítico, servindo a fins de esclarecimento dos processos. Mas esses processos na realidade do indivíduo estão intimamente imbricados uns com os outros, sendo separáveis somente para efeito da análise que propõem os conceitos atrelados à imagem do adolescente, de modo geral, e do adolescente de São José do Rio Preto em particular.

A imagem é toda representação mental que se faz deste período transicional sobre o qual existem muitas idéias populares difundidas socialmente a respeito da personalidade adolescente corroborada pela abundante literatura. Infelizmente nem sempre estão bem fundamentadas, não estão representadas na idéia empírica dos fatos, dos processos evolutivos pelos quais passam as pessoas nessa etapa da vida.

A investigação científica a respeito do desenvolvimento da personalidade nos adolescentes é escassa, não se tendo proporcionado uma imagem completa, pormenorizada e, ao mesmo tempo, rigorosa da personalidade adolescente. (RAPPORT, 1972; KAPLAN, 1984; FIERRO, 1985, *apud* COLL:1995) Qualquer posição global a respeito dessa imagem do adolescente combina elementos da sabedoria popular, da experiência profissional clínica e da verdadeira investigação científica ancorada nos pressupostos do discurso dessa comunidade. Acredita-se que não seja pesquisa escassa e sim que, a recepção desta informação não alcance os verdadeiros interesses da imagem que estes adolescentes desejam projetar.

Adolescência representa um importante momento na formação da personalidade e dos diferentes sistemas que a integram. Do ponto de vista psicológico, como já mencionamos anteriormente, pode ser citada como um período de transição da infância à vida adulta. Após assinalar o caráter transicional que a define, é necessário dar conteúdo mais concreto a essa caracterização. A Adolescência costuma ser caracterizada como um período preparatório: o momento de iniciação. É



o momento de recapitulação da infância passada, de toda a experiência acumulada e agora posta em ordem. Trata-se de um período e de um processo:

- a) de ativa desconstrução de um passado pessoal, em parte tomado e, mantido, por outro lado, abandonado e definitivamente preterido.
- b) de projeto e de construção do futuro, a partir de um enorme potencial e acervo de possibilidades ativas que o adolescente possui e tem consciência de possuir.

Estes são os pressupostos que Kaplan no seu livro *Adolescência, el adiós a la infancia* (1986), coloca como fazendo parte do processo de recapitulação e preparação do adolescente frente a determinados temas vitais, como a própria identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis que passam a ser preponderantes nas relações do adolescente com seu meio e em sua própria vivência fenomenológica, consciente dos acontecimentos (KAPLAN 1986 *apud* COLL 1995: 290)

Certas imagens da adolescência, como idade turbulenta, de ebulição e de explosão das forças recém surgidas der repente e ainda não orientadas, situam o adolescente como um ser politicamente susceptível e vulnerável, dominado por sentimentos muito intensos dentro dos quais não se governa e não consegue se orientar. Essa é uma idéia romântica da idade adolescente, divulgada por um dos primeiros tratadistas já citados anteriormente (Hall *op.cit.*1904) que corresponde a concepção que Rousseau formou sobre a existência humana. O autor citado no livro de Hall é considerado “Inventor da adolescência”. No entanto, é possível que esta não seja tanto uma imagem tipicamente romântica da adolescência, mas sim, que o romantismo consista na transposição para a cultura, a arte e a literatura da consciência e da vivência adolescente, uma espécie de melancolia pelo passado, pelo “paraíso perdido”, a força da infância e a contradição dos sentimentos contrapostos, o



idealismo, a ânsia de viver e a grandiosidade dos projetos idealizados por estes futuros adultos. Em todo caso existe uma inegável afinidade entre a experiência adolescente e a concepção romântica da existência humana.

A vivência adolescente não pode ser realizada sem restrições. De imediato, a idéia da adolescência como tempestuosa foi carregada de ficção, questão que não corresponde à realidade da maioria. É possível observar que a adolescência tumultuada, em muitos casos corresponde ao sensacionalismo dos meios de comunicação, que generalizam a toda população adolescente com traços inferidos a partir de certos fatos chamativos de algumas minorias “transviadas”, a exagerada importância atribuída às manifestações superficiais do inconformismo juvenil e a própria literatura estereotipada sobre a tempestade adolescente, levam a tornar turbulentos muitos sujeitos pelo único motivo das próprias expectativas: por ser o que se espera do adolescente e como se prognostica que vai ser.<sup>4</sup> Assim como em outros âmbitos, a imagem e a expectativa de um fato de conduta influi na incitação e desenvolvimento do mesmo.

A imagem do adolescente resulta da representação de um estado de vida deste sujeito. A primeira imagem do adolescente se dá de uma representação imaginária que

---

<sup>4</sup> O século XX foi marcado pela emergência da cultura de massa em função da “explosão dos meios de reprodução técnico-industriais” (SANTAELLA, 2002:48). O ritmo industrial da produção midiática se intensificou conforme o desenvolvimento tecnológico aumentava, ao longo do século, a velocidade de circulação e o potencial de armazenamento e reprodução da informação. Paralelamente a propagação da euforia consumista, o povo americano protagonizou uma elevação dos índices de natalidade. Essas crianças, crescendo em meio à fartura, em seu ambiente que valorizava cada vez mais as posses materiais, em detrimento das idéias ou sentimentos, tornar-se-iam uma legião de jovens adolescentes insatisfeitos com o modo de vida dos adultos, embora, claramente, se beneficiassem dele. Estes jovens com dinheiro e liberdade para gastá-lo, em busca de espaços para afirmar sua identidade ainda não delineada, levava muitos destes à violência e ao sexo sem compromisso, embalados por um novo e contagiante ritmo musical: o *rock'n roll*, cabendo ao cinema difundir os novos modelos visuais, ideológicos e de comportamento pelo mundo afora, inclusive no Brasil. Filmes como **O Selvagem** (1953) e **Juventude Transviada** (1955) elevaram seus atores principais, Marlon Brando e James Dean, à condição de ídolos que deveriam ser imitados pela mocidade. (REMONTE, 2003:45).



cada sujeito tem de seu próprio corpo e que deve ser distinguida do esquema corporal, cuja base é neurológica<sup>5</sup>.

Jurandir Freire Costa diz que a mídia funciona como uma ética e o espelho da nossa Cultura (1995), que projeta o adolescente em diversos cenários da vida social do brasileiro com a qual ele se identifica em termos de produção, diversão e aventura.

Filósofos, teóricos do social, do universo psíquico e do contemporâneo têm sido unânimes no diagnóstico de que “a idéia do eu” entrou em crise. As noções de individuo, sujeito e subjetividade a que esta idéia sempre esteve ligada, foram sendo varridas por mudanças culturais que já tiveram início na segunda metade do século XIX. Segundo Villaça vem sendo colocada em relevo a instabilidade pela qual o sujeito é marcado: múltiplo, estigmatizado pela falta, descentrado, uma verdadeira estrutura dissipativa em que ordem e desperdício se conjugam. (VILLAÇA, 1999 *apud* SANTAELLA 2004:104)

Ainda que solitários, os seres humanos permanecem inimigos uns dos outros, e o desencadeamento de ódios, de raça, religião e ideologia conduz à guerras, massacres, torturas, ódio e desprezo. Os adolescentes na sua maioria não vivem solitários, vivem normalmente em seus “grupos” com os quais convivem diariamente<sup>6</sup>. Vemos hoje em dia, vários setores sociais agindo muitas vezes de forma

---

<sup>5</sup> A base neurológica relaciona-se com o sistema nervoso em geral, que tem como objeto as mediações cérebro com o comportamento, e privilegia o ponto de partida neurobiológico. Admite-se que, a toda modificação nervosa ou cerebral corresponde a uma modificação funcional e, conseqüentemente, comportamental. Estimulações localizadas - elétricas ou químicas de diversas regiões do cérebro produzem imagens que influenciam o comportamento. (DORON e PAROT, 1998: 528).

<sup>6</sup> O “grupo de iguais” é a caixa de ressonância ou continente para as ansiedades existenciais do adolescente. Na medida em que, pela necessidade de cristalizar suas identidades adultas e afirmarem-se como indivíduos autônomos, deixam de utilizar os pais ou sub-rogados desses (tais como os professores e adultos em geral) como modelos de identificação, os adolescentes têm necessidade de buscar novas pautas identificatórias no seu grupo de iguais, cujos líderes tomam provisoriamente o lugar das *imagos parentais* idealizadas. Isto explicaria a natural e espontânea tendência à formação de grupos entre





brutal com as demais pessoas que não pertencem a seu grupo de referência, podendo gerar até a morte no confronto de ideologias. Muitos destes grupos são formados por adolescentes, rebeldes e sem parâmetros de ação consciente a respeito do valor humano da convivência.

A expressão crise (do gr. *Krisis* – ato ou faculdade de distinguir, escolher, decidir e/ou resolver), como lembra Erik Erikson já não padece em nossos dias ao significado de catástrofe iminente que em certo momento pareceu constituir um obstáculo à compreensão do termo. Atualmente se aceita que a palavra crise designa um ponto conjuntural necessário ao desenvolvimento, tanto dos indivíduos como de suas instituições. As crises ensejam o acúmulo de experiência e uma melhor definição de objetivos (OSÓRIO, 1989:14)

Os adolescentes de São José do Rio Preto sofrem também uma crise de identidade<sup>7</sup>. O vínculo de integração espacial está relacionado com a imagem corporal, ou seja, a representação que o indivíduo tem do seu próprio corpo com características que o tornam único. Do ponto de vista genético está havendo uma dissociação entre o corpo orgânico e o corpo simbólico construído a partir das representações do mesmo, representações estas traçadas pelo afeto, pelo reconhecimento e pela projeção de modelos culturais apresentados pelos meios de

---

adolescentes, pois nos grupos surge um clima propício ao intercâmbio e confronto de experiências que permite a seus componentes uma melhor identificação dos limites entre o eu e o outro, através da compreensão das motivações conscientes e inconscientes dos diferentes modos de sentir, pensar e agir, favorecendo a resolução da crise de identidade, fulcro da problemática adolescente. (OSÓRIO, 1989:20)

<sup>7</sup> Identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhe reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado. O conceito operativo de identidade está formulado a partir das noções dos vínculos de integração espacial, temporal e social do sentimento de identidade, introduzidos na literatura por Carl Grinberg. (OSÓRIO; 1989:15).



comunicação em forma de ideal a ser atingido. O vínculo de integração temporal corresponderia à capacidade do indivíduo de recordar-se no passado e imaginar-se no futuro, ou seja, é a base do “sentimento da mesmidade”, que é a capacidade de seguir sentindo-se o mesmo ao longo da vida, apesar do influxo das mudanças que ocorram interna ou externamente. A adolescência representa o ser criança e o ser adulto, o estado de adolescência seria a pontuação de um tempo cuja forma é o corpo e cujo ritmo é a transformação. Assim, a vida é uma constante mutação, representada através dos meios de comunicação social na interface das categorias temporais e espaciais.

Stuart Hall, diz que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até o morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (HALL,S: 1998)

Edgar Morin (1999) define a adolescência como um grupo social adstrito no âmbito da cultura midiática pela enorme influência que estes exercem quanto aos rumos da sociedade nos aspectos sociais, culturais e econômicos. É natural que a mídia, baseada em prospecções planejadas para detectar preferências e desejos imediatos, desenvolva linguagens específicas dirigidas a este segmento de mercado, ao qual se dedicará grande parte da produção, para satisfazê-lo e para manter ou incrementar a receita e a margem de lucro.



A imagem do adolescente é diferenciada pela ostentação dos objetos que possui, isso vai determinar quem é quem no mundo do sucesso. Para ser alguém é necessário ter o que os grupos dos privilegiados têm, com a posse destes objetos passam a ser a promessa da felicidade e do bem estar individual, neste mundo da mídia televisiva em que vivem. Quem tem é, quem não tem não é. E no momento em que estes adolescentes dependem dos objetos de consumo para construir o sentimento de identidade, abandonam a crença na autonomia e na independência do sujeito moral diante de suas circunstâncias, passam a ser obsoletos, imprestáveis, inutilizáveis, economicamente inviáveis ou, algo que tem valor de venda, potencial de lucro e liquidez (FREIRE COSTA;1995:47)

A publicidade e a moda ditam que o consumidor adolescente é responsável pelo seu próprio corpo e que deve valorizá-lo e investir nele, isto está ligado a mensagem como valor. A moda é espontaneamente contagiosa, enquanto o cálculo econômico isola as pessoas umas das outras, não se restringe a um mero reflexo do sistema capitalista de distribuição e consumo, o capitalismo é apenas um de seus componentes como prática social. A moda ultrapassa até mesmo os limites do mundo *fashion*, constituindo-se em tecnologia específica de construção, sempre instável e fugaz, de “eus” ansiosos por meio da transfiguração das aparências do corpo, um corpo volátil que se transmuta à velocidade de um raio, a moda se aprofunda quando se torna encenação do próprio corpo, quando este se transforma em meio de moda. (SANTAELLA;2004:118).

A crise trágica do momento interfásico da adolescência é refletida diretamente em sua linguagem que, de certa forma, procura reorganizar os sentidos de um meio fragmentado por meio da identificação de seu local de atuação. Essa ênfase da consciência espacial, legitimada como uma busca de segurança e de defesa contra as características de fragmentação pós-modernas ao mundo contemporâneo, tem, com a mediação da linguagem, uma tentativa de esperança a respeito do sentido. Pelo menos, como forma de convencer o interlocutor de estar perante um adolescente que



conquistou seu espaço e, dessa forma, aceitá-lo no convívio social. “O uso da linguagem, sobretudo a verbal, está sempre determinado pelas condições reais em que o diálogo se efetiva” (BACCEGA, 1998:21)

A via que se aponta para sair do impasse dessa crise é a linguagem. Assim, seria possível o adolescente sair de si e ir ao encontro do outro, interagindo cultural e socialmente, expondo suas ideias e ideais e consumindo novos pensamentos. O sujeito agente sofre influências de outras pessoas com as quais ele entrou em contato, constituindo e sendo constituído.

Do poder mediador da linguagem comunicativa resulta uma saída plausível para esta crise de identidade que assombra a nossa sociedade, o ingresso nesse mundo representa uma passagem importante do reconhecimento do ser humano como um ser de linguagem.

Para Peirce e Bakhtin, o sujeito não existe sem a linguagem, sem a linguagem não há sujeito, o sujeito mesmo na sua forma mais íntima é um processo de “semiose” de ação dos signos e que configuram toda e qualquer forma de representação, Lucia Santaella constata esse sujeito, essa crise, crise da comunicação, da linguagem e do diálogo. Se a sociedade entrou em crise, o adolescente também está carente de uma forma de apropriação do mundo, que é possível somente por meio da linguagem (SANTAELLA, 2004:124)

### Referencias

BACCEGA, M. **Comunicação e linguagem**. São Paulo: Moderna, 1998.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.



COLL, C. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DORON, E PAROT. **Dicionário da psicologia**. São Paulo: Atica, 1998.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE COSTA, J. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

HALL, G. S. **Adolescência, psicologia, antropologia, sexologia: sexo, crime, religião e educação**. Nova York: 1904.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KAPLAN, L. J. **Adolescência, el adios a la infancia** (1986)

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. Vol I e II

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários da educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 1999.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1971.

REMONTE, J. **A linguagem corporal do adolescente no contexto da cultura midiática**. São Paulo: Universidade Paulista – UNIP. Dissertação de Mestrado, 2003.



SANTAELLA, L. **Arte e Percepção**. São Paulo: Experimento, 1993.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. **A crítica das mídias na entrada do século 21**. São Paulo: Hacker editores, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cultura das mídias**. São Paulo: 2002.

\_\_\_\_\_. **Corpo e Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.

**Sites:**

[www.montfort.org.br](http://www.montfort.org.br)